

**CORFEBOL: UMA PROPOSTA DE PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA
PROMOVER A EQUIDADE DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA**

**KORFBALL: A PROPOSAL FOR PEDAGOGICAL PRACTICE TO PROMOTE
GENDER EQUITY IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES**

**KORFBOL: UNA PROPUESTA DE PRÁCTICA PEDAGÓGICA PARA
PROMOVER LA EQUIDAD DE GÉNERO EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN
FÍSICA**

Natalha Mussi Jorge da Cunha Correa

<https://orcid.org/0009-0007-0712-6940> 

<http://lattes.cnpq.br/3547094587700979> 

Universidade Estadual Paulista (Presidente Prudente, SP – Brasil)

natalha.mussi@unesp.br

Maurício Martin Correa

<https://orcid.org/0009-0000-4954-4891> 

<http://lattes.cnpq.br/6025566363459172> 

Universidade Estadual Paulista (Presidente Prudente, SP – Brasil)

mm.correa@unesp.br

Luiz Rogério Romero

<https://orcid.org/0000-0002-7456-0946> 

<http://lattes.cnpq.br/5234660343892450> 

Universidade Estadual Paulista (Presidente Prudente, SP – Brasil)

luiz.romero@unesp.br

Resumo

Este estudo objetivou elaborar e implementar uma sequência didática para o ensino do Corfebol, que problematizasse as relações de gênero e diminuísse os afastamentos das meninas das aulas de Educação Física. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa do tipo participante. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados consistiram em dois questionários e o Diário de Campo. Os dados coletados foram analisados com base na análise de conteúdo categorial subsidiada em Bardin (2011), também foram apresentados em gráficos e tabelas analíticas. Os Resultados demonstram que o principal motivo dos afastamentos das meninas das aulas de educação física está relacionado a não sentirem prazer e/ou não se sentirem capazes de realizar as atividades propostas e após a implementação da sequência didática observou-se um aumento significativo no engajamento dos alunos nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Corfebol; Gênero; Educação Física Escolar; Participação nas Aulas de Educação Física; Afastamentos.

Abstract

This study aimed to develop and implement a didactic sequence for teaching Korfbal, which would problematize gender relations and reduce girls' absence from Physical Education classes. This is a qualitative, participant-type research. The instruments used for data collection consisted of two questionnaires and the Field Diary. The data collected was analyzed based on categorical content analysis supported by Bardin (2011), and was also presented in graphs and analytical tables. The results demonstrate that the main reason for girls' withdrawal from physical education classes is related to not feeling pleasure and/or not feeling capable of carrying out the proposed activities



and after implementing the didactic sequence, a significant increase in student engagement was observed. students in Physical Education classes.

Keywords: Korfball; Gender; School Physical Education; Participation in Physical Education Classes; Leaves.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo desarrollar e implementar una secuencia didáctica para la enseñanza de Korfball, que problematizaría las relaciones de género y reduciría la ausencia de las niñas en las clases de Educación Física. Esta es una investigación cualitativa de tipo participante. Los instrumentos utilizados para la recolección de datos consistieron en dos cuestionarios y el Diario de Campo. Los datos recopilados se analizaron con base en un análisis de contenido categórico respaldado por Bardin (2011), y también se presentaron en gráficos y tablas analíticas. Los resultados demuestran que el principal motivo del retiro de las niñas de las clases de educación física está relacionado con no sentir placer y/o no sentirse capaces de realizar las actividades propuestas y luego de implementar la secuencia didáctica se observó un aumento significativo en el compromiso de los estudiantes. en las clases de Educación Física.

Palabras clave: Korfbol; Género; Educación Física Escolar; Participación en Clases de Educación Física; Hojas.

INTRODUÇÃO

As questões de gênero permeiam diversas instâncias sociais, inclusive o contexto escolar (Meyer; Soares, 2004). Diariamente, situações, comentários, pré-conceitos expressados e disfarçados com piadas e humor consolidam as desigualdades historicamente construídas e propagadas. Quando observamos as aulas de Educação Física, constatamos a reprodução dessas desigualdades, reproduzindo em nossa prática pedagógica, muitas vezes, um padrão de comportamentos e atitudes excludentes e estereotipados, preconizando referenciais masculinizados da cultura patriarcal de desvalorização das mulheres que refletem diretamente nas aprendizagens motoras dos estudantes e no engajamento das meninas nas aulas.

Ainda, segundo Tenório e Silva (2013), a falta de diversidade de conteúdos e a prevalência dos esportes, além da forma como ele é abordado, contribuem para a falta de interesse pelos estudantes em participar de atividades práticas. Limitar as aulas de Educação Física a um único esporte é excluir as possibilidades e as outras tantas oportunidades de se desenvolver e se identificar dos estudantes, distorcendo para estes, o real objetivo do componente na grade curricular escolar.

Esses e outros tipos de abordagens descontextualizadas, atitudes excludentes e de valorização da performance, fomentam o abandono das aulas de Educação Física, o que fica mais evidente especialmente com o passar dos ciclos de escolaridade” (Mezzetti, 2020, p. 28). Além disso, essas condutas geram um grande problema, pois, quando os estudantes deixam de participar das atividades, perdem a oportunidade de vivenciar e de adquirir competências e habilidades importantes para o seu desenvolvimento e no caso das meninas, acentuam-se defasagens construídas socialmente.





A partir desses pressupostos, cabe ao professor, buscar alternativas na tentativa de diminuir os abismos gerados entre os gêneros nos esportes e práticas corporais de maneira geral. Caminhando para colaboração da superação de tal problemática, este trabalho propõe uma sequência didática que utiliza como instrumento dinamizador de conhecimento o esporte chamado Corfebol. O corfebol é um esporte holandês de quadra, obrigatoriamente misto, promovendo assim, a equidade entre os gêneros, visto que, trata-se de um dos poucos esportes no qual as equipes são compostas em igualdade de números entre homens e mulheres (Alves, 2015).

O corfebol foi criado na Holanda em 1902, por Nico Broekhuysen, inspirado num jogo sueco denominado "Ringboll". Sendo um professor, interessou-se pelo desenvolvimento físico e social dos jovens, daí as regras daram importância à cooperação e à inclusão. A particularidade que o diferenciou e que o torna num excelente instrumento pedagógico, foi o facto de ser um desporto misto e com regras que garantem iguais oportunidades no jogo, obrigatoriedade em jogar em cooperação [...] (Alves, 2015, p. 6).

Trata-se de um esporte jogado com as mãos, em uma quadra de 40 por 20 metros de largura, o objetivo principal dessa modalidade é lançar a bola dentro de uma cesta adversária para marcar pontos (cada cesta vale um ponto), para isso, a quadra é composta por dois postes de corfebol com altura de 3,5 metros com duas cestas, bem parecidos com a modalidade de basquete, porém nesta modalidade, os atletas não podem contar com o auxílio da tabela, também diferente do basquete, neste esporte não é permitido progredir com a bola, andando, correndo ou driblando.

Seus times são mistos e compostos por 8 jogadores para cada lado, ou seja, 4 homens e 4 mulheres em cada equipe, 2 jogadores de cada gênero ficam na defesa e os outros 2 no ataque. Quem está na defesa não pode invadir a zona de ataque e vice-versa, para tanto, devem trocar passes até que a bola chegue na zona de ataque para seus respectivos jogadores. É importante ressaltar também que a cada duas cestas, os times trocam de zonas, isso quer dizer que os defensores viram atacantes e os atacantes viram defensores, o que abre a possibilidade de que todos, inclusive as mulheres, experimentem diferentes funções no decorrer da partida (International Korfball Federation, 2024).

Esse tipo de dinâmica acima citado, ajuda no fortalecimento do papel da mulher no jogo, pois assim, ela adquire espaço para assumir responsabilidades iguais às dos atletas masculinos. O corfebol não é um esporte integrador apenas por conter equipes mistas, existem regras que auxiliam na equidade entre os gêneros, como por exemplo a proibição das





marcações entre sexos, ou seja, homens só podem marcar homens e mulheres só podem marcar mulheres, neste esporte, também não é permitido contato físico, visto que o marcador deve se manter a um braço de distância de seu adversário (International Korfball Federation, 2024).

De acordo com Goellner e Dos Anjos (2017), o esporte de maneira geral foi pensado pelos homens para os homens, patenteando assim, desde seu início a generificação do seu acontecer, tais padrões estabelecidos socialmente e culturalmente em relação às práticas esportivas podem e já estão gerando um prejuízo motor irreversível para as meninas. Dentro dos espaços escolares não é diferente, os padrões culturalmente construídos ali se solidificam, muitas vezes durante as aulas de Educação Física, revelando imposições, valores e poderes machistas fortemente associados à cultura patriarcal.

Em tese, o esporte é considerado um instrumento dinamizador de mudanças atitudinais positivas para todos, inclusive e em especial para o público feminino, graças à possibilidade de promoção da melhoria da autoestima, da confiança, da superação e da autonomia, elementos que contribuem positivamente para o empoderamento da mulher, todavia, esses impactos podem variar, e não serem tão positivos dependendo da forma que se propõe a prática, induzindo muitas vezes a efeitos contrários (Lim; Dixon, 2018).

Considerando assim, a importância das ações pedagógicas o presente estudo visa apresentar uma proposta inovadora, para estudantes do 9.º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, como uma forma de intervenção que contribua para a desconstrução da normalização da superioridade masculina nas práticas esportivas dentro e fora da escola, problematizando as relações de poder organizadas a partir dos gêneros e contribuindo para diminuição dos afastamentos das meninas das aulas de Educação Física através da prática esportiva do Corfebol.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Abordagem Metodológica, Contexto da Pesquisa e Participantes

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa do tipo participante com intervenções e atividades diretamente relacionadas às temáticas de gênero nas aulas de Educação Física. O contexto da pesquisa abrangeu estudantes regularmente matriculados no 9º ano do ensino fundamental anos finais de uma escola estadual de período integral





localizada no Oeste Paulista. A população incluiu 32 estudantes de ambos os sexos cuja idades variam entre 13 e 15 anos.

A seleção dos (as) participantes deu-se a partir de uma amostragem por conveniência e de forma voluntária que foi formalizada tanto através da autorização da diretora vigente e da diretoria de ensino cuja escola pertence, como com as assinaturas dos termos de consentimentos e assentimento, este último assinado pelos pais e responsáveis. É importante reforçar que a presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, cujo parecer de aprovação é de número: 6.312.563 datado de 20 de setembro de 2023.

Técnica e Instrumento de Coleta de Dados

Foram utilizados para esta pesquisa, um questionário diagnóstico de entrada, um roteiro de aulas e intervenções, um questionário de saída e um diário de campo. Abaixo, podemos visualizar um quadro teórico elaborado para uma melhor compreensão, tanto dos seus respectivos objetivos, como do trato referente aos dados gerados a partir dos instrumentos que foram utilizados nesta pesquisa.

Quadro 1 – Quadro teórico com as dimensões que se pretende investigar e os recursos que foram utilizados para a investigação

QUADRO TEÓRICO COM AS DIMENSÕES QUE PRETENDE- SE INVESTIGAR E OS RECURSOS QUE FORAM UTILIZADOS PARA INVESTIGAR ESTAS DIMENSÕES		
Recursos	Dimensões investigadas	Análise de Dados
Questionário de Entrada	Compreender os motivos que levam os afastamentos das aulas de Educação Física, principalmente das meninas, nos anos finais do ensino fundamental. Nortear a elaboração da sequência didática.	Analisados e apresentados em gráficos e tabelas analíticas, contendo porcentagem e frequência numérica absoluta ou relativa.
Diário de Campo	Descrever o processo de implementação de uma sequência didática para o ensino da modalidade corfebol e analisar discurso e estereótipos ligados às relações de poder criado a partir das relações entre os gêneros.	Analisados com base na análise de conteúdo categorial subsidiada em Bardin (2011).
Questionário de Saída	Analisar níveis de satisfação dos estudantes referente a sequência didática vivenciada.	Analisados e apresentados em gráficos e tabelas analíticas, contendo porcentagem e frequência numérica absoluta ou relativa.

Fonte: construção dos autores.





O Questionário de Entrada intitulado “Participação nas aulas de Educação Física”, que foi aplicado antecedendo as intervenções pedagógicas para todos os alunos participantes da pesquisa, originou-se a partir da adaptação do questionário utilizado no estudo “Fatores associados à participação das alunas nas aulas de Educação Física: uma questão de gênero?” (Oliveira; Macedo; Silva, 2014). Para que alcançasse os objetivos específicos desta pesquisa, esta ferramenta foi reestruturada e composto por questões de múltipla escolha, porém também dispôs de espaços para que os alunos justificassem suas respostas, a fim de proporcionar aos participantes a oportunidade de expressar-se.

A partir daí, deu-se início a estruturação das sequências didáticas, as propostas de aulas continham conteúdos voltados para a experimentação, fruição, reflexão sobre a ação, valorizando a construção de valores gerados através das práticas corporais, aqui transmitidas pelo esporte corfebol. As atividades propostas procuraram reconfigurar os conceitos já estabelecidos pelos alunos, incentivando-os a se reconhecerem como parte importante e determinante na mudança de conceitos e estereótipos construídos socialmente para mulheres, principalmente a sua relação com as práticas corporais.

Com a sequência didática elaborada e estruturada, iniciamos as intervenções apoiados pelo diário de campo, onde se evidenciaram os registros e observações da própria pesquisadora. Para Minayo, Deslandes e Gomes (2000), em um diário de campo podemos materializar, percepções e reações diversas, questionamento e angústias, além de informações relevantes sobre aquilo que se está vivenciando. Nesta pesquisa, essa ferramenta foi utilizada como produção de dados que contribuam para a análise da efetividade das aprendizagens desenvolvidas pelos alunos através das intervenções.

No âmbito dos registros de fatos ocorridos no decorrer das aulas, em diário de campo contém transcrições importantes de rodas de conversas que foram ferramentas utilizadas de forma habitual e em momentos pré-determinados, como estratégias pedagógicas durante as aulas. Chioda (2004) acredita que as rodas de conversas proporcionam excelentes oportunidades de se desenvolver habilidades diretamente ligadas a competências socioemocionais, trilhando caminhos de decisões coletivas. Neste sentido, as rodas de conversas têm um papel fundamental no entendimento e problematização dos temas centrais desta pesquisa e no desenvolvimento das sequências didáticas.

Para finalizar a sequência didática, foi aplicado um terceiro instrumento de coleta de dados. Criado e idealizado pela pesquisadora o questionário de saída intitulado “Percepção





dos alunos sobre a sequência didática”, por sua vez, tinha como objetivo verificar os níveis de satisfação dos estudantes referente à sequência didática vivenciada.

Análise de Dados

Os dados coletados em Diário de Campo foram analisados com base na análise de conteúdo categorial subsidiada em Bardin (2011). Quanto aos dados referentes a ambos os questionários, estes foram analisados e apresentados em gráficos e tabelas analíticas, contendo porcentagem e frequência numérica absoluta ou relativa.

RESULTADOS

Percepções dos alunos e fatores associados a não participação nas aulas de Educação Física

Os resultados aqui apresentados referem-se a alguns pontos relevantes do questionário de entrada, aplicado com o objetivo inicial de compreender e avaliar os fatores associados à participação ou não, em especial das alunas, nas aulas de educação física e práticas esportivas de maneira geral.

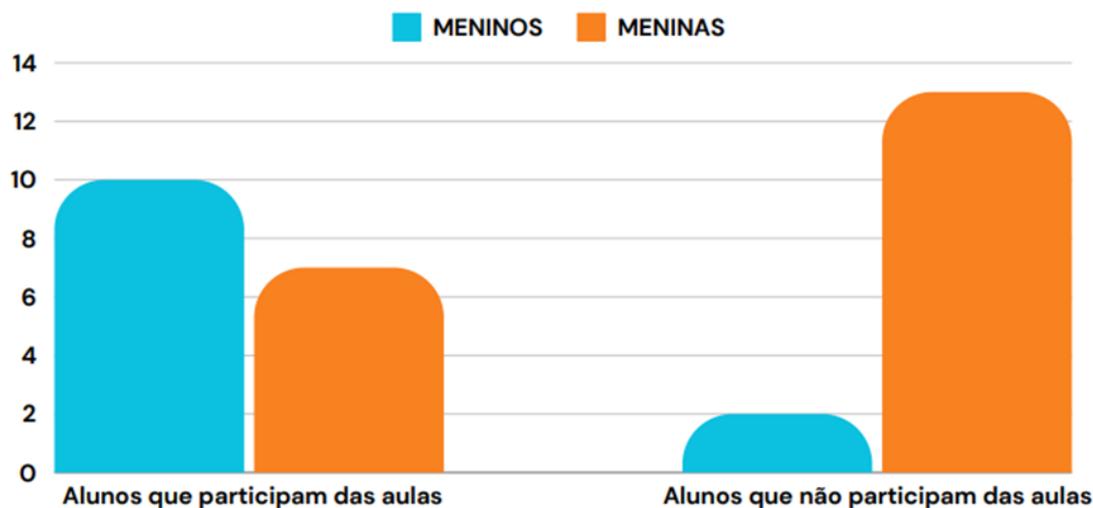
A população participante, foi composta inicialmente, portanto, por uma amostra de 32 alunos, sendo 62% (n=20) de alunos do sexo feminino e 38% (n=12) de alunos do sexo masculino. A priori, a identificação dos questionários pelo sexo biológico se justifica na necessidade de associar a prevalência de fatores da participação ou não nas aulas de Educação Física a todos, mas principalmente as estudantes do sexo feminino.

De acordo com a questão do questionário “Você participa das aulas de Educação Física?”, constatamos que do total de alunos, 46,9% (n=15), que diz não participar das atividades propostas nas aulas de Educação Física, 86,6% (n=13) deles são do sexo feminino como expressos no gráfico 1 a seguir.





Gráfico 1 – Número de meninos e meninas que participam ou não das atividades propostas nas aulas de Educação Física



Fonte: construção dos autores.

Apoiados em tais pressupostos, buscamos compreender os motivos que levavam a não participação de todos nas aulas de Educação Física, principalmente das meninas. A partir disso, a amostra referente a questão “Qual o motivo da não participação das aulas?”, do questionário de entrada, no qual apenas os alunos que não participam das aulas de Educação Física (n=15) deveriam selecionar um ou mais motivos para justificar a sua não participação nas atividades propostas para as aulas. Esta questão tratava-se de uma caixa de seleção, por tanto um aluno poderia selecionar mais de um motivo para justificar a sua não participação.

Tabela 1 – Motivo da não participação nas aulas

Motivo da não participação nas aulas	Meninos (Total - 2)	Meninas (Total - 13)	N (Total-15)	%
Não sinto prazer ao realizar as atividades propostas	1	11	12	80
Não me sinto capaz de realizar bem as atividades	2	10	12	80
Exercito pouco meu corpo	0	1	1	6,1
Não me sinto integrado ao grupo	1	6	7	46,6
Quase não tenho oportunidade de jogar	0	2	2	13,3
Meus colegas zombam das minhas falhas	1	4	5	33,3

Fonte: construção dos autores.

Podemos notar na tabela 1 que os dois principais motivos apontados pelos alunos que não se engajam nas atividades das aulas de Educação Física, estão associados a não sentir





prazer nas atividades propostas, 80% (n=12), bem como na sua insegurança, pois não se sentem capazes de realizar de maneira satisfatória as atividades propostas, o terceiro e o quarto motivo, 46,6% (n=7) e 33,3% (n=5), referem-se a não se sentirem integrados ao grupo e o receio que os colegas ridicularizem suas falhas, respectivamente.

Em contrapartida, no que concerne à questão sobre as possibilidade de ações que incentivaria a participação desses alunos nas aulas de Educação Física, 53,3% (n=8) deles afirmaram que as aulas diversificadas contribuiriam para diminuir os afastamentos, 46,6% (n=7) asseguraram que participariam das aulas se as atividades propostas fossem menos cansativas, 40% (n=6) alegaram que se envolveriam nas atividades se os meninos fossem mais receptivos, seguido de 20% (n=3) e 13,3% (n=2), para materiais novos e aulas separadas por sexo respectivamente, como podemos verificar na tabela 2.

Tabela 2 – O que incentiva ou faria você participar das aulas

O que incentiva ou faria você participar das aulas?	Meninos (Total - 2)	Meninas (Total - 13)	N (Total-15)	%
Atividades menos cansativas	0	7	7	46,6
Aulas separadas por sexo	0	2	2	13,3
Os meninos fossem mais receptivos	0	6	6	40
Aulas diversificadas	2	6	8	53,3
Materiais novos	2	1	3	20

Fonte: construção dos autores.

Em outras palavras, estes dados demonstram que os fatores determinantes ao aumento do número de afastamentos é o conteúdo abordado nas aulas e a didática profissional e como esses fatores influenciam na insegurança e no prazer dos alunos na realização das atividades propostas, a partir de tais pressupostos, necessita-se de uma problematização maior quanto ao conteúdo esporte na educação física escolar, principalmente quando considerado como único conteúdo a ser abordado, visto que não podemos negar a sua importância na promoção da inclusão, e especialmente quando se sabe que esta ferramenta vem sendo utilizada como meio de segregação e exclusão.

A Sequência Didática

As ferramentas utilizadas como produção de dados contribuíram significativamente para o aperfeiçoamento e validação da sequência didática final desta





pesquisa, o questionário de entrada norteou desde a estruturação do formato das aulas, como os conteúdos propostos em cada etapa da sequências didáticas, enquanto o diário de campo e o questionário de saída validaram a efetividade das aprendizagens, além de contribuir para uma reflexão mais aprofundada e específica sobre as consequências das relações de gênero no ambiente da pesquisa.

Todas as atividades propostas foram de cunho teóricos e/ou práticos, previamente incluídas no planejamento anual da disciplina de Educação Física, pois se trata de uma proposta de um objeto de conhecimento novo, não estando presente no currículo em ação, nome dado ao currículo do estado de São Paulo (2019). O planejamento do tempo, para tanto, levou em consideração a própria proposta curricular a fim de não prejudicar o desenvolvimento das habilidades e expectativas de aprendizagens do documento orientador oficial para aquele ano/série.

A elaboração do conteúdo das atividades propostas na sequência didática, também aconteceram, diante da identificação da problemática central, que para o presente estudo tratava-se do número excessivo de afastamentos, principalmente das estudantes do sexo feminino. Posteriormente, foi realizada a estruturação da problemática, constatadas com auxílio do questionário inicial. Ficou perceptível a dificuldade dos alunos afastados em desenvolver as atividades por motivos de insegurança e medo da frustração, pela falta de abertura de alguns estudantes para acolhimento de todos, pautadas, muitas vezes em estereótipos ligados, principalmente às relações de gênero.

A partir daí, foram traçados os caminhos e elaboradas as atividades propostas da sequência didática, com intuito de desconstruir para transformar e superar as dificuldades encontradas. Cada sequência didática foi composta por um cabeçalho que contém tema, objetivo, tempo estimado e local, seguido das estratégias e atividades da aula, dicas para melhor desenvolvimento das atividades propostas, bem como, recursos didáticos utilizados e instrumentos de avaliação. Esta disposição foi pensada para auxiliar o professor na aplicação da intervenção e facilitar a sua gestão de sala de aula.

As estratégias e atividades foram organizadas em três importantes momentos, no primeiro momento intitulado "Sensibilização" ou "Roda de conversa inicial", os alunos tomam conhecimento das atividades propostas, seus objetivos e regras, retomam atividades realizadas em aulas anteriores, tiram dúvidas e contextualizam a aula que será executada posteriormente, através de atividades de sensibilização.





Em um segundo momento, oportuniza-se atividades que colaboram para a aprendizagem do corfebol e vivenciam situações que os fazem refletir sobre a participação da mulher no esporte, além de proporcionar oportunidades igualitárias para a participação das meninas nas aulas de Educação Física, por último, aconteciam as “Rodas de conversa final” para orientações gerais, discussões e reflexão sobre fatos ocorridos durante a aula, como expresso no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Organização das aulas da Sequência Didática

ORGANIZAÇÃO DAS AULAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
MOMENTO 1 “Roda de conversa Inicial ou/e Sensibilização”	Retomada das atividades realizadas em aulas anteriores, conhecimento das atividades propostas, seus objetivos e regras, momento para retirada de dúvidas e contextualizar a aula que será executada posteriormente com atividades de sensibilização.
MOMENTO 2 “Desenvolvimento”	Atividades que colaboram para a aprendizagem do corfebol propostas de vivências de situações que os façam refletir sobre a participação da mulher no esporte, além de proporcionar oportunidades igualitárias para a participação das meninas nas aulas de Educação Física.
MOMENTO 3 “Roda de Conversa Final”	Orientações gerais, discussões e reflexão sobre fatos ocorridos durante a aula.

Fonte: construção dos autores.

A proposta de intervenção foi composta por 9 sequências didáticas que totalizaram 10 aulas com duração de 45 minutos cada. Por se tratar de um planejamento flexível, durante todo o processo, foram realizadas alterações e adaptações de acordo com as demandas escolares e novas necessidades que eram identificadas pela pesquisadora. É importante salientar que tal planejamento pedagógico não objetiva servir de cartilha ou manual para o(a) educador(a) no desenvolvimento desses conteúdos, mas, sim, despertar possibilidades para sua inclusão com base em uma ação bem-sucedida. Todavia, o(a) educador(a) poderá ressignificar a proposta conforme a realidade do seu contexto.

Durante toda apropriação do material pedagógico o professor interessado poderá notar possibilidades de adequações sugeridas dentro do próprio plano de aula, selecionadas justamente para tornar o material adaptável, não apenas em outras realidades escolares como para outras etapas de ensino.

Todas as sugestões foram elaboradas para professores a partir de propostas coeducativas e diversificadas, pois meninas e meninos realizam as aulas juntos. Nas atividades, buscou-se problematizar as diferenças, além de auxiliar na promoção da igualdade de





oportunidade entre os gêneros, elas se preocuparam em incluir todos os estudantes de maneira confortável, com segurança em relação a possíveis exposições vexatórias e a violência entre os gêneros, dando preferência para algumas atividades lúdicas e trabalhos em grupos, durante a sequência didática inclusive conservou-se momentos destinados a reflexões em grupos com intuito de fornecer suporte emocional e contextualizar as práticas propostas.

Após a vivência de toda intervenção pedagógica, foi importante considerarmos além das observações do professor, a opinião dos estudantes para compreendermos os pontos de melhoria e garantir efetividade da proposta, para isso foi aplicado, como já mencionado em outros momentos, um questionário final a fim de levantar dados referente a opinião dos alunos sobre a sequência didática, resultados esses promissores que validaram todo o trabalho desenvolvido.

O Diário de Campo

A partir do desenvolvimento da sequência didática proposta gerou-se o diário de campo que descreveu em detalhes o seu processo de implementação, e foi através deste documento que podemos fazer uma análise mais profundada do impacto que as relações de gênero e poder construídas socialmente tem na vida dos estudantes, o diário de campo também foi importante na validação do produto educacional, para análise e adequações das sequências didáticas e a verificação da necessidade de intervenções pontuais quando necessário. As falas dos estudantes demonstram indícios importantes na compreensão da profundidade da problemática que envolve os afastamentos, e para uma melhor compreensão dessa gama complexa de causas e consequências estruturamos essa análise em algumas categorias.

Na **categoria comportamental** apresentamos aspectos sociocomportamentais relatados por todos os alunos, mas principalmente pelas meninas e os alunos afastados, na procura da compreensão dos fatores que influenciam na decisão de não participar das aulas de Educação Física, para tanto, esta categoria subdivide-se em outras duas subcategorias: "O enraizamento da construção social de gênero" e "A dominação masculina, o medo e a vergonha".



“O enraizamento da construção social de gênero”

Durante a implementação da sequência didática em várias atividades realizadas, nota-se que ainda existe uma forte influência em relação às expectativas sobre os corpos femininos, que podem intervir na participação dessas alunas nas aulas de educação física, a preocupação das meninas em relação aos seus corpos e a associação dos mesmos a características impostas para eles. No questionário de entrada, por exemplo, que tinha objetivo de identificar os fatores associados a não participação das alunas, uma aluna justificou a sua não participação com a seguinte frase:

Tenho corpo de mulher e mulher não é aceita jogando (Aluna 14 – Questionário de entrada – Questão número 4).

Em uma atividade realizada durante a sequência didática 8, proposta para essa intervenção, os alunos vivenciaram atividades que os levaram a refletir sobre a participação das mulheres nos esportes. Nesta atividade, após uma aula sobre a história da participação das mulheres no esporte, os estudantes, em roda de conversa, deveriam expor suas opiniões quanto às mulheres e os homens participarem de esportes coletivos juntos. Neste momento, dentre relatos e opinião este em especial chamou a atenção.

Os meninos podem praticar todos os esportes, mas as meninas alguns (Aluna 15- Roda de conversa – Diário de campo, 09 de novembro de 2023).

“A dominação masculina, o medo e a vergonha”

Entender a relação que os estudantes e principalmente os adolescentes apresentam em relação ao seu corpo é essencial para entender suas limitações criadas diante de expectativas impostas pela sociedade, principalmente quando falamos de padrões impostos a mulheres. A vergonha do corpo traz grandes empecilhos para o envolvimento de meninas nas aulas de educação física.

Tenho Vergonha do meu corpo (Aluna 6 – Questionário de entrada – Questão número 4).

Tenho Vergonha de as pessoas ficarem olhando e do meu corpo (Aluna 17 – Questionário de entrada – Questão número 4).

Não gosto do meu corpo, se eu fizer vou ficar com vergonha (Aluno 21 – Questionário de entrada – Questão número 4).

Muitos dos alunos, meninas e também meninos, associam a sua não participação e/ou a sua falta de empenho durante, a vergonha do seu corpo, o padrão de beleza imposto socialmente, massacra diariamente a autoestima de adolescentes, adultos, mulheres e homens





e estes devem ser motivo de problematização frequente, nas escolas e principalmente nas aulas de Educação Física, para que exclusões e autoexclusões não sejam frequentes principalmente em um ambiente destinado a aprendizagens e inclusão.

A **categoria pedagógica** foi estruturada a começar pelas falas dos estudantes que demonstram que fatores associados com o trabalho que é desenvolvido pelo professor, à sua didática, bem como a metodologia utilizada para apresentar e propor os conteúdos, influenciam diretamente a sua efetiva participação nas aulas de educação física e para uma melhor compreensão, esta categoria subdividiu-se em mais duas categorias: **“O papel do professor contra a violência de gênero”** e **“Os conteúdos e a prática educativa”**.

“O papel do professor contra a violência de gênero”

Muitas meninas argumentam não se envolverem nas atividades esportivas na escola devido a dominação masculina a esses espaços (físico e temporal) destinados a práticas esportivas, como demonstra o relato de duas das alunas durante uma roda de conversa.

Na aula de Educação Física dá para participar porque a senhora defende as meninas dos meninos, mas no intervalo eles não deixam a gente jogar e ficam brigando com quem não sabe jogar (Aluna 2 - Roda de conversa – Diário de campo, 30 de outubro de 2023).

Hoje a aula foi muito boa professora, os meninos não excluíram a gente do jogo, mas só quando a senhora estava olhando (Aluna 18 - Roda de conversa – Diário de campo, 30 de outubro de 2023).

A aluna, em sua fala, associa a presença do professor como fundamental para que as práticas inclusivas ocorram e expõe a exclusão a qual é vítima durante os horários de intervalos, associando a esse acontecimento a falta de habilidade que os meninos determinaram que ela possui. Na escola de período integral, além das aulas de Educação Física, os alunos dispõem de um extenso horário de almoço, onde boa parte deles se concentram na prática de esportes variados e é nesse momento, segundo relato da aluna, onde ocorrem muitas das exclusões.

“Os conteúdos e a prática educativa”

Para estruturação desta categoria, constatou-se no curso da pesquisa, a sinalização por parte dos alunos para necessidade da diversificação de conteúdos:

Não me interessa pelo conteúdo, e acho um pouco chato e cansativo (Aluna 10 – Questionário de entrada – Questão número 5).





Poderia ter mais vezes, tipo, atividades diferentes, que a gente ainda não conhece (Aluna 13 – Questionário de saída).

Talvez eu participaria se as aulas tivessem mais conteúdos diferentes, e materiais legais, algo que não conhecemos ou queimada e brincadeiras (Aluna 15 – Questionário de entrada – Questão número 5).

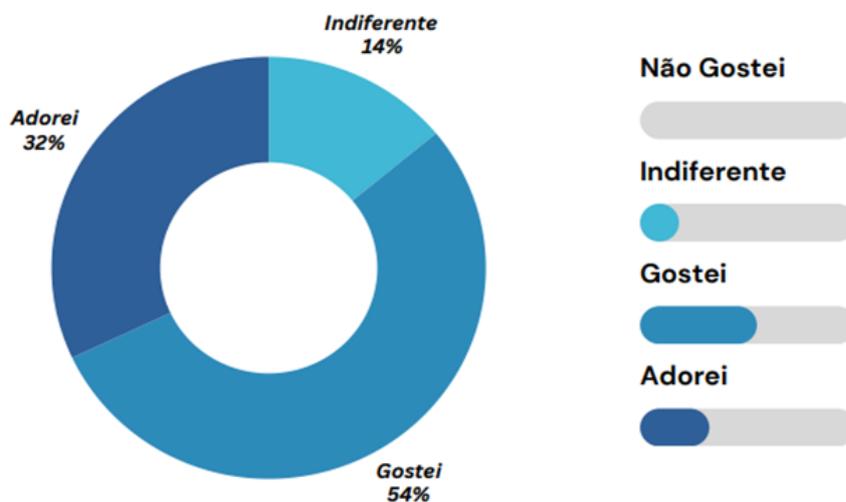
Aqui, também durante o questionário sobre as percepções dos estudantes quanto à intervenção pedagógica elaborada para esta pesquisa, a aluna expressa em sua opinião reconhecendo os conflitos existentes nas práticas esportivas e a necessidade, mais uma vez das propostas de novos conteúdos.

Eu gostei por ser um conteúdo novo e porque ninguém sabia jogar, e todos aprendemos juntos, então não tinha ninguém melhor do que ninguém (Aluna 6 – Questionário de saída).

O Questionário de Saída

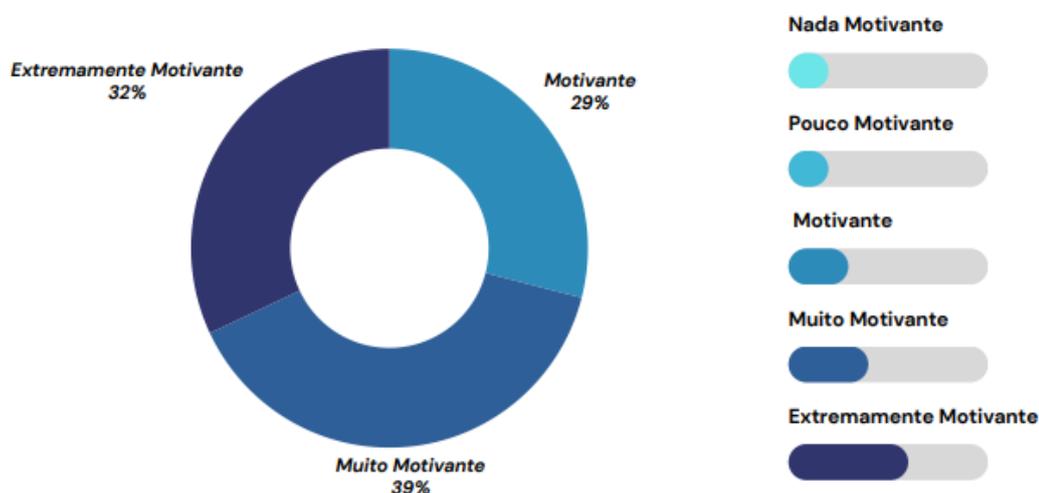
Após a vivência de toda intervenção pedagógica, é importante considerarmos além das observações do professor, a opinião dos estudantes para compreender pontos de melhorias e garantir efetividade da proposta, para isso aplicamos, como já mencionado em outros momentos, um questionário final a fim de levantar dados referente a opinião dos alunos sobre a sequência didática.

Neste momento, ficou constatado que do número total 100% (n=28) de estudantes que responderam ao questionário, a maioria, sendo 54% (n=15) alegam terem gostado do projeto de maneira geral, 32% (n=9) desses estudantes disseram que adoraram participar do projeto proposto, enquanto apenas 14% (n=4) conceituaram a relevância do projeto como indiferente, vale ressaltar ainda que, nenhum dos estudantes desaprovam as atividades ou a proposta geral da pesquisa.

**Gráfico 2** – Percepção dos estudantes sobre o projeto de pesquisa

Fonte: construção dos autores.

Nesta pesquisa, toda a proposta pedagógica foi pensada e estruturada na intenção de motivar todos os alunos, principalmente os alunos afastados, a participarem das aulas de Educação Física proporcionando prazer na realização das atividades enquanto aprendem e se desenvolvem. Quanto a essas questões, o objetivo do projeto foi alcançado pois, mesmo que entre oscilações nas participações, ou seja, ora esses alunos afastados participavam, ora não. Ficou constatado que 32% (n=9) dos estudantes consideraram as aulas extremamente motivantes, 39% (n=11) muito motivantes e 29% (n=8) motivantes, de todos os alunos, nenhum, considerou a proposta pouco ou nada motivante.

Gráfico 3 – Percepção dos estudantes sobre a motivação nas aulas da intervenção pedagógica

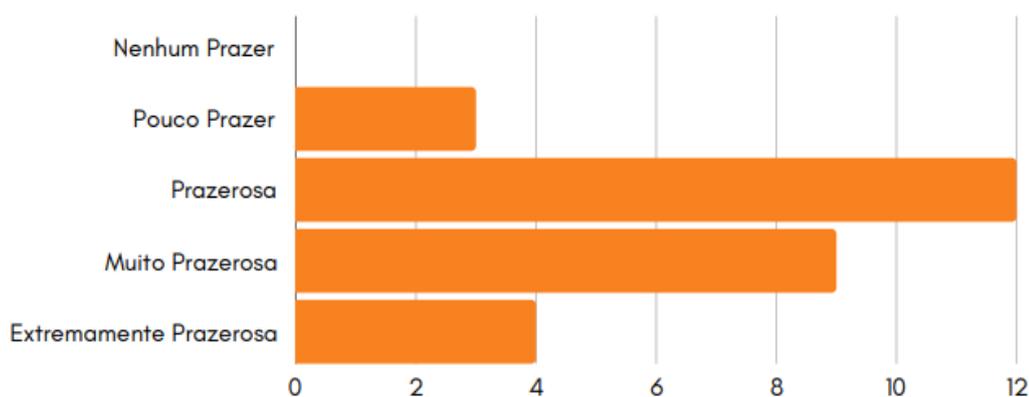
Fonte: construção dos autores.





Para tanto, os alunos estarem seguros e motivados a participar foi de extrema importância para o projeto pois este fator influenciou conseqüentemente no prazer durante a participação das atividades como podemos notar na figura abaixo (Gráfico 4), onde um total de 25 alunos (89%) de 28 estudantes que responderam ao questionário final, alegaram sentirem entre extremo prazer, muito prazer ou apenas prazer na realização das atividades propostas e apenas 3 estudantes (11%) relataram sentirem pouco prazer durante a vivência.

Gráfico 4 – Percepção de prazer na realização das atividades pelos alunos

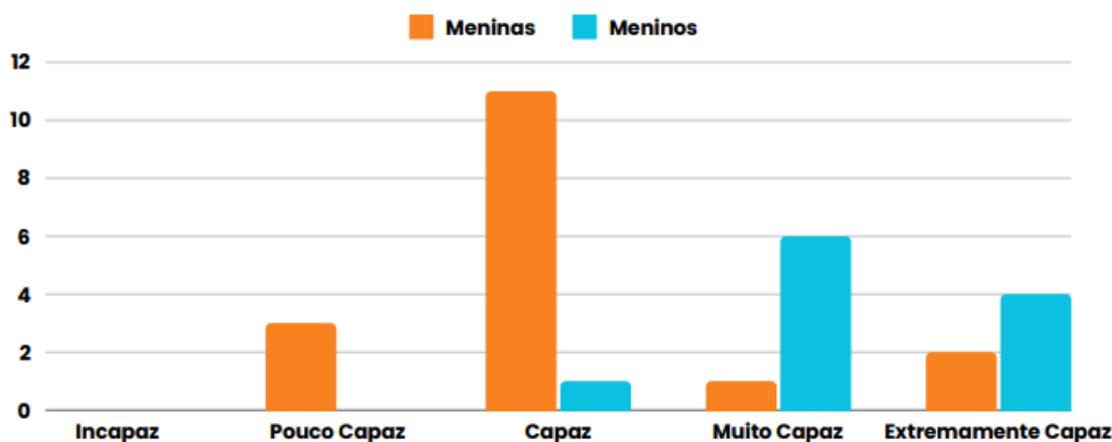


Fonte: construção dos autores.

Analisando os dados voltados para as meninas (que neste estudo representam o maior número de afastamentos, dos 28 estudantes que responderam ao questionário final 17 eram do sexo feminino), percebemos que os 11% (n=3) dos estudantes que se consideraram pouco capaz na realização das atividades são exclusivamente do sexo feminino, já dos estudantes que se consideraram capazes 43% (n=12), a maioria deles, totalizando 11 estudantes, são do sexo feminino, agora, referente aos 25% (n=7) dos estudantes que se consideraram muito capaz, apenas 1 deles eram do sexo feminino e por fim, dos estudantes 21% (n=6) que se qualificaram como extremamente capazes, 2 deles são do sexo feminino.



Gráfico 5 – Percepção dos alunos separada por sexo de capacidade na realização das atividades propostas



Fonte: construção dos autores.

DISCUSSÃO

O enraizamento da construção social estabelecida a partir do gênero, ainda gera consequências mesmo após tantos anos de luta pelos direitos das mulheres, muito se fala da necessidade de se problematizar tais questões, porém as relações de poder e de superioridade masculina continuam a gerar repercussão nas mais diversas esferas sociais, não apenas na vida das mulheres, mas também na vida de homens e meninos, que não se encaixam no conjunto de expectativas estabelecidas pela sociedade para seu sexo biológico.

A construção social do que é ser homem e o que é ser mulher, influenciam dentro das escolas e nas escolhas, principalmente de meninas em relação às práticas esportivas. Meninas e meninos interiorizam essas expectativas sociais impostas e afirmadas a todo momento e se moldam diante delas, sobre isso, Sousa e Altmann (1999, p. 64) ressaltam que:

Os estudantes são seres com uma bagagem prévia de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos fora da escola. A televisão, os quadrinhos, a fala e as atitudes cotidianas dos adultos e dos grupos de amigos estão cheios de estereótipos de gênero, de crenças sobre o que é ser homem ou mulher em nossa cultura.

As percepções dos estudantes quanto às feminilidades e a masculinidades vão se construindo desde o seu nascimento, em casa, na família, nas mídias, nas suas interações sociais e quando são inseridos nas escolas já se apresentam com uma bagagem solidificada, porém não imutável de valores e crenças, como observados nos dados obtidos através do questionário de entrada intitulado “Participação nas aulas de Educação Física” onde dos 15



alunos que afirmam não participar das aulas de educação física 13 estudantes são do sexo feminino.

Para compreendermos melhor a dimensão de tal abismo, um estudo realizado por Oliveira *et al.* (2010), na rede pública e privada de ensino em São Luís, demonstra que meninas de níveis de escolaridade mais altos entre o 8.º e 9.º Ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental apresentam níveis de atividade física consideravelmente menores se comparados a meninos da mesma faixa etária. Hallal *et al.* (2006) observaram que entre 4.452 adolescentes participantes da pesquisa, a prevalência de sedentarismo foi maior entre as meninas, chegando a uma porcentagem de 67% se comparado a meninos com 49%.

Ainda no questionário de entrada e observando os dados voltados para as estudantes do sexo feminino, das 13 alunas que afirmam não participarem das aulas de Educação Física, 11 delas relatam não sentirem prazer em realizar as atividades propostas, enquanto 10 delas afirmam não se sentirem capazes, demonstrando que a insegurança e o medo interferem diretamente na adesão de práticas corporais de maneira geral e refletindo dentro das aulas de Educação Física.

Em dados mais recentes, a PeNSE (Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar) realizada em 2019 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), realizou o primeiro inquérito nacional que perguntou diretamente aos escolares diversos aspectos de sua vida, dentre eles investigou os níveis de atividade física entre estudantes do 7.º ao 9.º Ano do Ensino Fundamental, constatando assim que, 61,8% dos alunos estavam classificados como insuficientemente ativos, além de afirmar que este número é crescente com o passar dos anos de escolaridade e quando analisados em relação ao gênero, apenas 18,0% do total de estudantes avaliadas do sexo feminino foram classificados como ativos em relação a 38,5% de escolares do sexo masculino (IBGE, 2019).

Ou seja, as meninas já adentram as unidades escolares com percepções de estereótipos construídos e solidificados e em relação às práticas esportivas não seria diferente, a ideia de que não são capazes, ou que não são habilidosas para as práticas esportivas por serem mulheres perpetua a tantos anos e são reforçadas tantas vezes no decorrer de suas vidas que a elas aparentam ser legítimas. Nesta pesquisa as mesmas 13 estudantes que alegam não participar das aulas de Educação física, quando questionadas sobre o que as incentivaria a se envolver nas aulas, 6 alunas afirmaram que participariam se as aulas fossem mais diversificadas





e se os meninos fossem mais receptivos, dados que expressam como essas alunas sentem-se intimidadas quando comparadas aos meninos.

Em sua pesquisa de mestrado realizada com alunos do 8.º Ano do Ensino Fundamental, Rogério Cruz Oliveira (2006, p. 9) constatou que dentre as justificativas para não envolvimento nas aulas de Educação Física estava a vergonha e o medo, segundo ele: "O fato da não participação na aula dava-se, principalmente, pela vergonha da exposição. Meninas e meninos tinham vergonha de praticar a aula, fosse por características físicas ou pela autoavaliação que não 'levam jeito' para o esporte" (Oliveira, 2006, p. 50).

Tal situação foi constatada também por Daolio (1995), pois o autor descreve em sua pesquisa a atitude de uma de suas alunas em uma de suas aulas de Educação Física, que por se sentir incapaz na realização de um fundamento na modalidade de voleibol, denomina a si própria de "anta". Segundo sua percepção, este fato ocorreu, a partir de uma reação dela contra sua inferioridade motora em comparação aos meninos.

Durante todo processo de execução da sequência didática proposta, as alunas externalizaram sua preocupação quanto a dominação masculina nas atividades e o medo da exposição expondo ideias sexistas em relação as práticas esportivas como prerrogativa para seus afastamentos. Estes relatos nos ajudam a refletir sobre a profundidade do incômodo que essas estudantes sentem nos momentos de aula e muitas vezes esses acontecimentos acabam por não chegarem aos ouvidos dos professores, talvez devido ao grande número de ocorrências de tal natureza, fazendo elas acreditarem que se trata de uma atitude comum e/ou natural.

Infelizmente, os desarranjos entre os fatores biológicos e o que é socialmente construído influenciam não só os alunos, mas também os professores em seus planejamentos e gestão de sala de aula. No estudo de Altmann, Ayoub e Amaral (2011), intitulado "Gênero na prática docente em Educação Física: meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos a habilidosos ao jogar?", constatou-se que apesar de bastante professores compreenderem a importância de ações coeducativas muitos deles ainda defendem a separação por gênero alegando que trabalhar com grupos 'homogêneos' facilitaria o desenvolvimento das aulas, reduzindo conflitos e tensões oriundos da diversidade das relações. Demonstrando que a impregnação de papéis sociais não são prerrogativas exclusiva dos estudantes.

A importância do papel do professor como mediador e precursor de oportunidades igualitárias e inclusivas, estão constantemente presentes nas falas dos





estudantes, muitas delas associam a presença do professor como fundamental para que as práticas inclusivas ocorram e expõe a exclusão a qual é vítima durante os horários de intervalos, associando a esse acontecimento a falta de habilidade que os meninos determinaram que elas possuem, além disso, demonstram como as intervenções do professor podem proporcionar a segurança necessária para essa desconstrução.

Sobre tal questão, Thorne (1993) afirma que a presença de adultos entre adolescentes pode diminuir a segregação entre os gêneros, pois, ao incentivarem e propor práticas conjuntas, os comentários pejorativos provenientes dessa interação são desencorajados. O papel do professor, para tanto, torna-se fundamental não apenas nas intervenções durante a aula, mas também na escolha dos conteúdos e metodologias. Prova disso fica nesta pesquisa onde 17 das meninas que responderam o questionário de saída 11 se consideram capazes de realizar as atividades propostas e apenas 3, mesmo após a intervenção ainda se consideram pouco capazes.

Para tanto, a metodologia a ser utilizada e as intervenções dos professores são de suma importância para minimizar os efeitos que a violência de gênero ocasiona nas práticas esportivas. Cabe ao professor, repensar sua prática pedagógica, e planejar suas aulas e os conteúdos para práticas coeducativas oportunizando aos alunos e a comunidade momentos de questionamento que vão desde a transmissão de valores até a renovação dos modelos, desmistificando e/ou proporcionando uma simples compreensão do fazer juntos.

Desde a introdução das práticas esportivas nas aulas de Educação Física escolar brasileira, as meninas sempre foram tidas como frágeis e os meninos como seres dotados de força e poder. Segundo Sousa (1994), nesses momentos aos homens era permitido a prática de qualquer esporte, porém para as meninas destinava-se apenas as práticas de danças e a ginástica devido a sua compatibilidade com o corpo feminino.

À medida que os anos transcorreram, as perspectivas sob as quais se objetivava o esporte foram se alterando, foi então apenas a partir da década de 1980 que a dominação esportiva começa a ser problematizada e algumas novas propostas passam a defender entre outras questões a diversificação dos conteúdos além da forma como abordá-los. O objetivo não era a exclusão dos esportes como objeto de conhecimento, mas a tentativa de ressignificá-los no ambiente escolar para que alunas(os) possam compreendê-los tanto como espectadores(as) quanto como praticantes, não estando à mercê do esporte espetáculo de alto rendimento (Daolio, 2006; Paes, 2002; Kunz, 1994; Soares *et al.*, 1992).





Neste estudo, é perceptível que apesar da problematização teórica e a sugestão de novas propostas de ensino, tais questões e práticas não se desenvolvem com a frequência que deveriam no “chão” das unidades escolares, necessitando de mais ações para problematização, além de uma postura incisiva do professor frente as injustiças e a segregação.

É preciso superar o estereótipo das aulas de Educação Física referente a sua associação, única e exclusivamente com momentos de “jogar a bola”, construídos e reforçados justamente pela limitação de conteúdos ao futebol. Isso se dá muitas vezes, segundo Soares (1996) devido a utilização de critérios aleatórios pelos professores para escolha de conteúdos elegeo muitas vezes aqueles os quais ele apresenta mais familiaridade, fazendo com que os alunos passem toda a sua vida na escola básica vivenciando um único esporte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo ressalta a relevância de se elaborar intervenções na temática de gênero, para isso admitiu como seu objetivo propor práticas pedagógicas coeducativas e implementá-las nas aulas de Educação Física, através de uma sequência didática para o ensino da modalidade esportiva chamada corfebol. Esta prática foi destinada a sistematização de um material de formação para professores sobre a inserção do corfebol como ferramenta problematizadora das questões de gênero e a contribuição para a diminuição dos afastamentos das meninas das aulas de Educação Física Escolar.

Para que a sistematização desse material fosse genuína e surta efeitos significativos na sua aplicação, as percepções e contribuição dos estudantes foram muito importantes. Para tanto, proporcionamos espaço de voz a esses alunos que, somadas às observações da pesquisadora, se tornou um material riquíssimo que contribuiu para a caminhada em direção a superação dos desafios encontrados e gerados das relações hierarquizadas de gênero.

A análise dos resultados dos elementos discursivos apresentados pelos estudantes durante a vivência da sequência didática e registrados em diário de campo, denunciam práticas e discursos sociais constituídos nas relações preeminentes de poder. Foi possível perceber que muitos desses sentimentos e comportamentos são determinados por fatores externos àquelas aulas como as circunstâncias da dominação masculina e a invisibilidade feminina evidente no meio esporte e social.

Inclusive, é perceptível nas falas dos estudantes as responsabilidades dos professores em propor ações de urgência no enfrentamento de tal problemática, visto que não





é uma realidade singular deste campo de pesquisa, cabendo ao professor repensar suas práticas e aprofundar seus estudos e a responsabilidade de problematizar aquilo que não se pode extinguir como os fatores externos e de construção social impregnados no imaginário dos sujeitos deste estudo.

Por fim, após a sequência didática, através do questionário de saída, os alunos demonstraram compreender as relações de poder presentes na sociedade e nos esportes, essas novas percepções contribuíram por sua vez para o incentivo da participação desses estudantes afastados das aulas de educação física, as atividades propostas além de ampará-las, proporcionou um ambiente seguro para que pudessem se sentirem confortáveis com suas habilidades, limitações e exposição corporais, o que aponta para a importância e a necessidade de atividades e conteúdos diferenciados e não geridos através de uma perspectiva binária de gênero.

Subitamente, aqui está a importância de se incluir a problematização das relações de gênero nas aulas de Educação Física, proporcionando aos alunos oportunidades de se compreender, refletir, desconstruir e reconstruir novas perspectivas de compreensão do mundo, da sociedade e de suas relações, aproximando os conhecimentos empíricos dos conhecimentos científicos.

A realização desta pesquisa e a participação dos alunos no projeto demonstram que muito do que se vivencia dentro das unidades escolares pode ser ressignificado. Mesmo que essas mudanças a priori pareçam ficarem restritas a alguns alunos e apenas dentro dos muros escolares, trazer os estudantes para a reflexão sobre a sociedade a qual eles mesmos integram é fazê-los se entender como sujeitos sociais, portanto há a esperança de que possa se alcançar proporções maiores à medida que esses estudantes crescem e se desenvolvem, aumentando a sua participação social, reconhecendo a si mesmo como sujeito ativo e capaz de transformações.

Não podemos ignorar que ainda há um longo caminho a ser percorrido e ainda que essa intervenção venha ter ocorrido de maneira pontual, certamente proporcionou mudanças significativas, tanto na vida dos estudantes como para a professora pesquisadora, assim, essa experiência (re)define novos rumos da minha trajetória pessoal e profissional. Que as contribuições aqui apresentadas também possam contribuir para outros profissionais que enfrentam as mesmas problemáticas em suas salas de aula, para que juntos caminhemos em direção ao rompimento com pensamentos binários, não apenas em relação aos gêneros, mas





dialogando cada vez mais com os grupos que são comumente excluídos e de pouca visibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? **Revista estudos feministas**, v. 19, n. 2, p. 491-501, 2011.

ALVES, Jorge. **O ensino do corfebol nas escolas: como abordar a modalidade**. Lisboa, Portugal: Federação Portuguesa de Corfebol, 2015.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 1, n. 1, p. 73-81, 2002.

CHIODA, Rodrigo Antonio. **A roda de conversa e o processo civilizador**. 2004. 84f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

CORREA, Natalha Mussi Jorge da Cunha. **Corfebol: uma proposta de prática pedagógica para promover a equidade de gênero nas aulas de educação física**. 2024. 142f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, 2024.

DAOLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em antas. In: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. Campinas, SP: UNICAMP, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre; DOS ANJOS, Luiza Aguiar. Esporte e transgeneridade: corpos, gêneros, e sexualidades plurais. In: DORNELES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Educação física e sexualidade: desafios educacionais**. Ijuí, RS: Unijuí, 2017.

HALLAL, Pedro Curi *et al.* Prevalência de sedentarismo e fatores associados em adolescentes de 10-12 anos de idade. **Caderno de saúde pública**, v. 22, n. 6, p. 177-187, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional de saúde do escolar**. 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

INTERNATIONAL KORFBALL FEDERATION. **The rules of korfball**. 2024. Disponível em: <<https://korfball.sport/wp-content/uploads/2024/05/The-Rules-of-Korfball-2024.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2024.





KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.

LIM, So Youn; DIXON, Marlene A. A conceptual framework of sport participation and women's empowerment. **Managing sport and leisure**, v. 1, p. 1-15, 2018.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de F. Rodrigues. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de F. Rodrigues (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2004.

MEZZETTI, Carolina de Freitas Rochael. **O fenômeno arquibancada**: análise do afastamento das meninas nas aulas de educação física do ensino médio em uma escola na rede estadual de Minas Gerais. 2020. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Orgs.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Thiara Castro *et al.* Atividade física e sedentarismo em escolares da rede pública e privada de ensino em São Luís. **Revista de saúde pública**, v. 44, n. 6, p. 996-1004, 2010.

OLIVEIRA, Flavio; MACEDO, Romario; SILVA, Adson. Fatores associados à participação das alunas nas aulas de educação física: uma questão de gênero? **Acta brasileira do movimento humano**, v. 4, n. 5, p. 73-86, 2014

PAES, Roberto Rodrigues. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JÚNIOR, Dante de *et al.* **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, Rogério Cruz de. **Educação física, escola e cultura**: o enredo das diferenças. 2006. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. **Currículo paulista**. São Paulo: SEDUC/SP, 2019.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista paulista de educação física**, supl. 2, p. 6-12, 1996.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUSA, Eustáquia Salvadora. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da educação física em Belo Horizonte (1897-1994)**. 1994. 265f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994.





SOUSA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedex**, n. 48, p. 52- 68, 1999.

TENÓRIO, Jerson Garbin; SILVA, Cinthia Lopes. Educação física escolar e a não participação dos alunos nas aulas. **Ciência em movimento**, v. 15, n. 31, p. 71-80, 2013.

THORNE, Barrie. **Gender play: girls and boys in school**. New Jersey, USA: Rutgers University Press, 1993.

Dados da primeira autora:

Email: natalha.mussi@unesp.br

Endereço: Rua Generosa Magalhães Nunes Siqueira, 757, Jardim Nova Teodoro, Teodoro Sampaio, SP, CEP: 00000-000, Brasil.

Recebido em: 23/06/2024

Aprovado em: 10/09/2024

Como citar este artigo:

CORREA, Natalha Mussi Jorge da Cunha; CORREA, Mauricio Martin; ROMERO, Luiz Rogério. Corfebol: uma proposta de prática pedagógica para equidade de gênero nas aulas de Educação Física. **Corpoconsciência**, v. 28, e.17928, p. 1-26, 2024.

